

**VII Encontro Nacional de Estudos do Consumo**  
**III Encontro Luso-Brasileiro de Estudos do Consumo**  
**I Encontro Latino-Americano de Estudos do Consumo**

**Mercados Contestados – As novas fronteiras da moral, da ética, da religião e da lei**  
24, 25 e 26 de setembro de 2014

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (Puc-Rio)

**Celular, Imagem e Emoção: o Consumo e a Apropriação dos Telefones Celulares na  
Construção do Olhar dos Jovens sobre sua Comunidade**

Romulo Tondo<sup>1</sup>

**Resumo**

Os telefones celulares ocupam um lugar de destaque no cotidiano dos sujeitos do século XXI, em especial dos jovens, estes que, por muitas vezes, realizam diversas funções através do referido dispositivo móvel. Este texto tem como objetivo dialogar sobre o consumo e as apropriações dos telefones celulares por jovens de comunidades populares e as subjetividades através de um cenário imagético apresentado por estes adolescentes sobre o olhar/sentimento pela comunidade. Propomos, em um primeiro momento, uma reflexão através das contribuições teóricas realizadas por pesquisadores brasileiros e estrangeiros relacionados ao campo da Comunicação e Antropologia, principalmente aqueles que se propõem refletir como os celulares interferem no desenvolvimento social, no consumo cultural e no empoderamento dos jovens. E, em um segundo momento, apresentamos as imagens provenientes das captações de uma oficina de fotografia e as reflexões sobre a construção do olhar deste jovem frente a sua comunidade.

**Palavras-chave:** Consumo; Fotografia; Tecnologia Afetiva;

---

<sup>1</sup>Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação pela Universidade Federal de Santa Maria. Graduado em Comunicação Social habilitação em Jornalismo (UFSM, 2012), Especialista em Políticas e Intervenção em Violência Intrafamiliar pela Universidade Federal do Pampa, campus São Borja (Unipampa, 2013). Bolsista CAPES. E-mail: romulotondo@gmail.com

## 1- A tecnologia na palma da mão: o telefone celular no cotidiano dos jovens

Vivemos em uma sociedade em que a tecnologia impacta as conjunturas sociais de uma maneira a intensificar nossas relações com o outro. Deste modo, a vivência em sociedade transforma-se de forma constante, seja através de conceitos, ideias e produtos. A maneira com que vivenciamos o cotidiano e construímos o “eu” e o “outro” ganhou uma nova perspectiva com o avanço da tecnologia, principalmente com a popularização e a aquisição dos telefones celulares.

No Brasil, a comercialização de telefones celulares ganhou as vitrines das lojas especializadas no início da década de noventa. Nesta época o consumo do celular era privilégio para poucos, o custo era elevado e os usuários eram, em sua maioria, executivos (CASTELLS ET AL, 2007). Após a metade dos anos noventa até a virada do século XX, o celular ganhou novas funcionalidades, com isso, o telefone celular passou a executar outras tarefas, além das chamadas telefônicas e envio de mensagens de texto (LE MOS, 2007). Neste contexto, o celular tornou-se um aparato tecnológico essencial para grande parcela da população, principalmente dos jovens, pois possibilitava que estes sujeitos estivessem conectados a uma série de funcionalidades que eram executados por outros dispositivos como: o mp3, a câmera fotográfica e até mesmo os computadores pessoais.

Com o avanço da tecnologia, surgiu um celular com diferentes atributos, o *smartphone*, considerado um telefone inteligente - um dispositivo que possui um sistema operacional e funções mais complexas que a do aparelho celular simples (TELECO, 2014). O *smartphone* é capaz de realizar chamadas e enviar mensagens de texto, como os celulares comuns, porém a sua maior vantagem é a conexão, o acesso à internet e a customização<sup>2</sup> da sua interface, adaptável às funcionalidades e necessidades do seu usuário. Para André Lemos (2007), o celular, na atualidade, pode ser considerado um “Dispositivo Híbrido Móvel de Conexão Multirredes”. O autor prefere usar essa nomenclatura, pois acredita que o termo expande a compreensão material do aparelho e desvincula-o, de certa forma, do antigo telefone celular. Lemos (2007) usa “dispositivo”, pois se refere a um artefato, uma tecnologia de comunicação; “híbrido” por agrupar as funções do telefone, do computador, da câmera de foto e de vídeo, do processador de texto e do GPS; “móvel” porque podemos carregá-lo para todos os lados e funciona por redes sem fio, ou seja, de “conexão”; e por fim “multirredes”, pois pode empregar diversas redes, tais como *bluetooth*, infravermelho, internet e redes de satélites.

---

<sup>2</sup> O efeito de customização pode ser visto desde o início da comercialização do celular no Brasil. Este ato era perceptível principalmente entre os jovens que utilizavam capas coloridas, adesivos, pin e demais acessórios para diferenciar seus telefones móveis dos demais. Hoje, a customização atinge todas as faixas etárias e não está restrita aos jovens, isto porque está para além das aparências externas do dispositivo, ela afeta o interior, a maneira com que o usuário quer interagir e apropriar-se destas ferramentas dispostas para ele, fazendo com que as configurações do sistema sejam feitas de acordo com uma preferência do usuário, sem mencionar o número de aplicativos que através do download podem individualizar cada celular.

Contudo, os usuários carregam seus dispositivos móveis quase 24 horas<sup>3</sup>, em consequência disso acabam criando afeição pelos aparelhos. Em uma pesquisa de Sandra Rubia da Silva (2010), os informantes mostraram que possuem sentimentos pelas informações que estão dentro dos aparelhos telefônicos como: o amor, o carinho e o companheirismo. A autora entende que os celulares constituem “tecnologias afetivas” (LASSEN, 2004) e agem como instâncias que mediam emoções e que mantêm laços sociais; as pessoas acabam desenvolvendo uma relação emotiva com os dispositivos móveis e com os conteúdos que armazenam dentro deles.

O acesso aos dispositivos móveis cresceu e hoje são objetos de consumo extremamente populares no Brasil, utilizados por pessoas das mais variadas faixas etárias, e de diferentes classes sociais, em todas as regiões do país. Segundo Teleco (2014), estima-se que a venda de aparelhos celulares, em 2014, seja de quase 68 milhões, sendo mais de 50 milhões de *smartphones*. Entre os *smartphones*, existem aqueles modelos mais acessíveis, fazendo com que a classe popular possa comprar o seu celular inteligente por um baixo custo. No entanto, esses celulares nem sempre são os almejados pelos jovens, já que estes dispositivos possuem pouca capacidade de armazenamento de informações e a velocidade de processamento dos dados nem sempre cumprindo com o esperado por estes sujeitos.

Uma das grandes funcionalidades dos telefones na atualidade são os aplicativos. Estes fazem com que os telefones celulares representem, ao mesmo tempo, “funções de conversação, convergência, portabilidade, personalização, conexão através de múltiplas redes, produção de informação (texto, imagens, sons) localização” (LEMOS, 2007, p.23). Para cada função que o usuário deseja exercer, existe um aplicativo diferente que supre com as necessidades de dada função.

## **2- Percorso metodológico: o enquadramento, a lente, a emoção**

A construção do conhecimento no século XXI está para além da Educação formal. O conhecimento é construído e circula além dos muros da escola, em nosso caso, e em muitos outros, ele ganha a comunidade, a interação entre os sujeitos e também como ele consume e trabalha as questões relacionadas às mídias, seja o jornal, a televisão, a internet e lida com a tecnologia móvel. Como proposta de ensino e aprendizado oportunizado pelas e através das mídias, decidimos trabalhar com o uso do celular e a captação de imagens por jovens de comunidade popular. Essas atividades, em forma de oficina, ocorreram em uma escola de ensino fundamental e médio da rede pública de um bairro da periferia de Santa Maria, interior do Rio Grande do Sul. A escola encontra-se no limite geográfico de dois bairros populares da cidade e seus alunos

---

<sup>3</sup> Além do carregamento do telefone celular através das tomadas de energia elétrica, os usuários vêm optando por uma série de tecnologias que suprem a carga de energia consumida pelos aparelhos durante sua utilização. Um bom exemplo disto é o número de carregadores portáteis disponíveis no mercado. Estes produtos servem como um pequeno reservatório de energia que pode ser utilizado pelos usuários para recarregar o celular assim que ele necessite de mais energia.

são provenientes de ambas as comunidades. Optamos como proposta de três módulos no turno da tarde, nos períodos das aulas de Língua Portuguesa/ Literatura Brasileira e História<sup>4</sup>, onde os alunos seriam sensibilizados a trabalhar com a educação para as mídias, e posteriormente, capacitados a trabalhar com técnicas de captação de imagens. Para os pesquisadores terem um panorama do consumo de mídias pelos jovens, antes das oficinas, foi aplicado um questionário para saber o nível de consumo midiático pelos jovens do ensino médio da escola, que atualmente possui duas turmas, uma para o primeiro ano do ensino médio e uma para o segundo ano do ensino médio. Apesar das turmas serem pequenas, cada uma possui uma média de alunos presentes nas atividades entre 15 e 20 estudantes. Desta forma, foi possível formar uma única turma com todos os estudantes do ensino médio da escola para o desenvolvimento da atividade pedagógica com uso de telefones celulares. As oficinas possuem caráter educomunicativo, ou seja, nas atividades propostas, os jovens são instigados a propagar a visão que possuem da comunidade através da captura de imagens que lhes resgatam algum sentimento proveniente do pertencimento desta comunidade.

## **2.2 - O enquadramento: a educomunicação como proposta educativa**

Para o desenvolvimento das oficinas, os jovens envolvidos foram sensibilizados a trabalhar com a Educomunicação, que consiste em uma proposta pedagógica que utiliza os meios de comunicação para o desenvolvimento da educação. Segundo Donizete Soares (2006), o neologismo educomunicação é mais que a simples junção da educação com a comunicação. O pesquisador aponta para a existência de uma relação entre as duas áreas, favorecendo esta interface e na construção e elaboração de uma ação. Desta forma, a educomunicação reconhece todo o empoderamento do sujeito gerada através da educação para os meios, favorecendo o diálogo entre atores envolvidos sempre de forma horizontal e plural, onde todos podem colaborar a partir de suas próprias experiências de vida. Nas experiências de Soares (2006) a educomunicação:

Trata-se, então, de um espaço no qual transversa saberes historicamente constituídos. Como um tabuleiro no qual se lançam pedras para, com elas, construir grandes lances – assim se apresenta esse novo campo. Não importa a origem das peças, assim como não se privilegia quem possa colocá-las ali. Seja qual for o tipo ou a forma de conhecimento, o campo não somente tem condições de recebê-lo, mas, sobretudo, de promover o diálogo com ele e dele com os outros. Isto é: se há – ou tem de haver – algo que particulariza, caracteriza ou é específico desse campo chamado de Educomunicação é a sua capacidade de entrecruzar saberes, promovendo a interlocução ou a conversa entre os que constroem e/ou se utilizam desses saberes. (SOARES, 2006, p.3)

---

<sup>4</sup> Para o desenvolvimento das atividades previstas na oficina de fotografia, os pesquisadores, mostraram o conteúdo programático à coordenação pedagógica da escola a fim desta aprovar as atividades com o uso do celular em sala de aula, tendo em vista que o uso do dispositivo é proibido por Lei nº 12.884 (Estado do Rio Grande do Sul) para fins não pedagógicos. Tendo a avaliação positiva, os professores de Língua Portuguesa/ Literatura Brasileira e História aderiram às atividades e utilizaram as imagens e as visitas na comunidade para trabalhar de forma interdisciplinar as ações propostas pelos oficinairos.

Levando em consideração tais aspectos da educomunicação, foi articulado um conjunto de ações que culminaram no aprendizado multidisciplinar dos participantes da oficina que articulou as seguintes áreas de conhecimento: educação, comunicação, cultura, família, sociedade, direitos, mobilização e participação comunitária. A principal ideia desta oficina foi utilizar as técnicas e as linguagens comunicacionais, principalmente o uso do telefone celular para captura de imagens estáticas, para inseri-los em um ambiente de produção de informação que pudesse ser compartilhado com suas redes, seja no ambiente comunitário ou até mesmo com suas redes sociais digitais, para que seus olhares pudessem estar (des)conectados as suas redes.

Ao longo das atividades desenvolvidas na oficina, os jovens foram instigados a trabalhar com a comunicação comunitária, mostrando as pluralidades e o diferencial daquele espaço comunitário, dessemelhante, muitas vezes, da visão apresentada pela mídia santa-mariense. Sendo assim, os participantes da oficina refletiram sobre a mídia, a vida na escola e no ambiente comunitário, além de produzir imagens que estivessem interligadas à comunidade, captadas através de fragmentos da realidade comunitária, levando em consideração as vivências em sociedade, favorecendo desta forma a troca de saberes entre os oficineiros e os adolescentes, culminando em uma ação educacional que visou a compreender o olhar e sentimento destes sujeitos pela comunidade em que vivem.

### **2.3- A lente: a conexão com o olhar**

A lente da câmera fotográfica do celular, capaz de capturar a imagem estática e em movimento, é tida aqui como uma extensão do olhar. Apropriamo-nos das ideias dos pesquisadores Marshall McLuhan (2007) e Amparo Lasen (2004) para compreender este *gadget*, principalmente da lente, seja capaz de influenciar a percepção que os jovens possuem da comunidade em que convivem com sujeitos que muitas vezes não são provenientes de suas relações sociais. É na perspectiva proposta por McLuhan (2007) que:

É a contínua adoção de nossa própria tecnologia no uso diário que nos coloca no papel de Narciso da consciência e do adormecimento subliminar em relação às imagens de nós mesmos. Incorporado continuamente tecnologias, relacionando-nos a elas servomecanismos. Eis por que, para utilizar esses objetos-extensões-de-nós-mesmos, devemos servi-los, como a ídolos ou religiões menores (MCLUHAN, 2007, p. 64).

Da mesma forma, a socióloga Amparo Lasen (2004) acredita que os usuários dos telefones celulares desfrutam de uma relação com seus aparelhos, isto porque possuem uma relação intrínseca da comunicação humana, e ao mesmo tempo pelo fato que os celulares estão próximos dos usuários, tornando-se uma “extensão do corpo humano, ao mesmo tempo em que se estendem e aumentam as suas capacidades” (LASEN, 2004, p.1), favorecendo, desta forma, uma afetividade que os sujeitos nutrem com os dispositivos.

Segundo a autora, os telefones celulares não são somente uma extensão de seus proprietários, mas também “um elemento importante para a construção e manutenção de grupos e comunidades” (LASSEN, 2004, p.1).

Esta noção proposta por Amparo Lasen vem a contribuir de Castells, Fernández-Ardèvol, Qiu e Sey (2007) que apontam que a câmera fotográfica presente nos celulares tornou-se alvo de constantes críticas sobre a proposição e utilização destes recursos por sujeitos em diferentes partes do mundo. Os autores trazem três exemplos de ações que ocorreram no Japão com a popularização deste *gadget*, mas que pode ser observado em qualquer país inserido no mercado de bens de consumo. O primeiro deles é a utilização da câmera para tirar foto das peças íntimas das mulheres<sup>5</sup> que utilizam saias ou até mesmo em casas de banhos públicas sem autorização destes sujeitos. O segundo foi o que chamado “digital shop-lifting” (CASTELLS ET AL, 2007, p. 118), em outras palavras, a utilização da câmera fotográfica para captar imagens de produtos que possuem direitos autorais. Segundo os autores, a maioria das vezes, foi utilizada para fotografar o conteúdo das revistas afetando, desta forma, na vendagem das mesmas. A terceira e última é a utilização da câmera do celular como prática ofensiva: “usá-la como uma ferramenta de coerção, muitas vezes acompanhada de atos de violência” (CASTELLS ET ALL, 2007, 118).

Esta última prática envolvendo a câmera do celular também pode ser vista por inúmeras vezes em espaços escolares brasileiros, preocupando não somente os diretores, professores, mas também os familiares de muitos jovens com relação a prática da violência dentro do espaço escolar ou em suas imediações. A prática desta violência, o *bullying*<sup>6</sup>, era filmada, e posteriormente, enviada em poucos minutos para a rede do agressor através dos recursos tecnológicos disponíveis no aparelho.

### **2.3- A emoção: sentimento pela e com a tecnologia**

Trabalhar com emoção ou qualquer forma de sentimento com jovens não é uma tarefa fácil, em determinados momentos é gratificante ver o adolescente encontrar nos exemplos trabalhados algo que lhe identifica, no entanto, também é nossa tarefa, como pesquisadores, compreender o “estar” adolescente na

---

<sup>5</sup> Ocorreu recentemente em uma escola do interior do Rio Grande do Sul, de um aluno fotografar a roupa íntima da sua professora em quanto ela estava explicando o conteúdo de um seminário integrado. Segundo a professora, o aluno utilizou a câmera frontal do aparelho celular para capturar a imagem. A imagem capturada pelo aluno foi compartilhada entre os alunos e parou nas redes sociais. O caso, assim como os que envolvem a disciplina do aluno, foi trabalhado pelos envolvidos juntamente com a professora coordenadora do serviço de orientação educacional (SOE), e resolve-se utilizar este caso como exemplo e trabalhar questões transversais à temática dentro de sala de aula.

<sup>6</sup> Os estudos sobre o bullying escolar tiveram início na década de 70, na Noruega, Suécia e Dinamarca, motivados pelo crescente número de suicídio entre crianças e adolescentes, principalmente na Europa. Em busca de suas principais causas, os pesquisadores depararam com os maus-tratos que os alunos recebiam dos colegas de escola. Profissionais da psicologia passaram, então, a estudar as formas de relacionamento estabelecidas entre os estudantes e constataram a existência de um fenômeno antigo, que, no entanto, requeria atenção e tratamento, por comprometer, sobretudo, o psiquismo daqueles que eram vitimizados, em especial o das crianças pequenas. (PORTO; WRASSE, 2010, p.221).

sociedade contemporânea que é algo extremamente ocioso, tendo em vista que a “adolescência e juventude se estendem a todos aqueles que vivenciam a experiência de estar em algum lugar entre a infância e a vida adulta” (ROCHA e PEREIRA, 2007, p. 21). Muitos adolescentes são vistos como imaturos para assumir responsabilidades e, por isso, não são compreendidos por seus pais. Em nossas ações, buscamos compreender este jovem em toda sua potencialidade, vigor e angústias, principalmente ao que diz respeito aos suas relações com a comunidade e a mídia tradicional. As discussões foram, por muitas vezes, acaloradas e possível compreender no discurso de muitos adolescentes sobre a negligência com que a mídia vem tratando recentes acontecimentos na comunidade, mostrando somente o lado negativo de ser morador deste bairro. Tendo em vista os usos do celular por grande parcela destes jovens, houve a capacitação sobre fotografia e lhes foi incumbida à missão de mostrar a visão que eles possuem da comunidade para outras pessoas, principalmente aqueles que não vivem na comunidade.

Nesta perspectiva do celular como mediador das emoções, apropriamo-nos da visão da socióloga Amparo Lasen que percebe os telefones celulares como “objetos que mediam a expressão, apresentação, experiência e comunicação de sentimentos e emoções” (LASÉN, 2004, p.1) por parte daqueles que utilizam tal tecnologia. Mas, o uso do celular como tecnologia afetiva está para além da interação na rede mundial de computadores, ela encontra-se no conteúdo com que o usuário deposita dentro do dispositivo, elencando uma série de ações que fazem com que o aparelho seja visto como uma extensão do seu cotidiano, contendo fotografias, anotações, músicas, informações de contatos e outras formas de resgate e personificação do celular como algo pessoal. Para a pesquisadora, “o uso do telefone celular também facilita a redefinição dos códigos de interação humana”, exemplo disto é a crescente utilização dos celulares dentro de espaços coletivos como ônibus, praças e parques, tanto por jovens como adultos. Anteriormente, algo que era visto como grosseiro, hoje é tido como algo inerente da comunicação via celular. Outro fato que caracteriza o uso do celular para fins de afetividade é utilização dos recursos fotográficos. Nas palavras de Lasén, os celulares contribuem para:

manter um registro e compartilhar um momento de celebração comum, tais como festas, noites fora, e aniversários. Outro exemplo de imagens tiradas com câmeras do celular, que contribuem para sustentar os relacionamentos são fotos de lugares e objetos com um interesse particular para os usuários ou para alguém que eles conhecem, como um bom restaurante italiano no caminho do trabalho para mostrar ao marido; ou um par de sapatos em uma vitrine para mostrar a um amigo (LASÉN, 2004, p.3).

Ser jovem nesta comunidade não é diferente tendo em vista que a prática fotográfica pode ser observada também em momentos anteriores a realização das atividades da oficina.

### 3- “Esta é a nossa comunidade”: consumo, imagem e sentimento

A construção do cotidiano ocorre pela apropriação daquilo que consumimos em nossas relações. Este consumo é algo permeado pela Cultura, pelos sentimentos e pela manifestação de nossos desejos como sujeitos imersos em uma sociedade de consumo. Segundo Daniel Miller (2007), o consumo é visto por muitos autores como “uma doença definhadora que se opõe a produção, a qual constrói o mundo” (MILLER, 2007, p.35). No entanto, Miller, ao citar o trabalho desenvolvido por Hebdige, argumenta que o “consumo não era apenas comprar bens, mas muitas vezes envolvia uma apropriação altamente produtiva e criativa desses bens, que os transformava com o passar do tempo” (MILLER, 2007, p. 47). Nesta perspectiva, o consumo e a apropriação dos telefones celulares ganhou nova configuração através dos anos, em nossa proposta de reflexão, o celular é um artefato capaz de produzir de forma criativa a percepção do olhar dos jovens para a comunidade onde eles vivem.

As imagens foram realizadas em um único dia de captação, totalizando 130 imagens, pelos jovens que trabalharam com a perspectiva de um olhar apreciativo da comunidade. A pergunta norteadora foi “o que a mídia não mostra da minha comunidade?”. Para exemplificar estas imagens escolhemos como corpus cinco imagens que podem ilustrar a construção do olhar destes alunos para a comunidade, os moradores e todas as suas relações com o que até então não pode ser percebido por estes moradores de fora da comunidade.

#### Comunidade como um ambiente familiar

A construção do olhar sobre a família pode ser encontrada em diversas imagens propostas pelos jovens da comunidade. São imagens que mostram relações de afeto tais como: as roupas no arame, o carinho do menino com o seu cachorro e idosos que moram no bairro.



Imagem 1: Fotografia captada por uma menina, 15 anos, moradora da comunidade



A imagem apresentada acima mostra a relação entre as famílias e a comunidade. Grande parcela das famílias utiliza os arames que delimitam as moradias como suporte para secar as roupas, da mesma forma em que as casas destas famílias são feitas com madeiras muitas vezes encontradas em construções, tornando-se casas construídas pelos próprios moradores.



**Imagem 2: Fotografia captada por um menino, 16 anos, morador da comunidade.**

Algo percebido pelos jovens é o apego dos moradores com os animais. Muitas das casas possuem animais: cachorros, gatos, galinhas, gansos e porcos. Alguns destes animais servem como fonte de alimento e outros são vistos como uma companhia e até mesmo como forma de proteção familiar. Na foto acima, é possível perceber o relacionamento com os animais na comunidade é vista desde a infância, sendo que o menino já possui um animal de estimação para brincar e propriamente trocar afeto.



**Imagem 3: Fotografia captada por um menino, 16 anos, morador da comunidade**

Outro aspecto apresentado pelos jovens no transcorrer das oficinas e, posteriormente, retratado na imagem acima é a presença de um grande número de idosos na comunidade. Muitos dos jovens moram com seus pais e avós na comunidade e dizem que a convivência com os membros mais velhos da família “é tirado de letra”, tendo em vista que os avós muitas vezes são responsáveis por lhes darem muitas coisas que eles desejam e os pais não possuem condições de presentear no momento.

## Comunidade e Criatividade



**Imagem 4 e 5: Fotografias captadas por um menino, 14 anos, morador da comunidade.**

A força da criatividade é algo bem comum na comunidade. A utilização de recursos para o embelezamento da residência ou até mesmo para o bem-estar da família pode ser percebida nas imagens acima.

Na imagem à esquerda, é possível perceber que existe um sistema de aquecimento solar, uma tecnologia que pode ser desenvolvida por outros moradores da comunidade, feito com material reciclável. As garrafas estão conectadas à caixa d'água e são responsáveis por aquecer uma parcela da água que é utilizada pela família. São recursos empregados para melhorar a qualidade de vida dos moradores e também como forma de economizar o uso da energia elétrica. Na imagem da direita, é possível perceber uma casa de material, com muros de tijolos e a inexistência de um portal, simplesmente um portal. A porta em tom vermelho dá um tom de alegria e vitalidade a casa, que possui também uma série de flores no espaço frontal.

Para os jovens outra forma de criatividade é como os moradores ofertam seus serviços e produtos para comunidade. Muitos destes comerciantes publicizam seus produtos e serviços em placas ou até mesmo na

fachada de suas residências. Existe um grande número de pessoas que oferece serviços para comunidade, salões de beleza, carpintaria, entre outros.



**Imagem 6 e 7: Fotografias captadas por um menino, 14 anos, morador da comunidade**

### **O descaso com a comunidade**

O descaso de alguns moradores e também da prefeitura com a comunidade é retratado com imagens das ruas não pavimentadas ou com acúmulo de lixo. Outro aspecto da paisagem desta comunidade é o número de carros abandonados, muitos destes são refúgios de animais domésticos (fotos abaixo). Os jovens relatam que não costumam sair à noite de suas casas quando precisam percorrer grandes caminhos, principalmente, quando é necessário passar por lugares onde existe acúmulo de lixo, pouca iluminação, pois já ouviram relatos de agressões a membros da comunidade em terrenos baldios.



**Imagem 8, 9, 10: Fotografias capturadas por uma menina, 15 anos, moradora da comunidade.**

## Comunidade e Escola

O ambiente escolar é dito muitas vezes como um ambiente agradável por estes jovens. Para muitos moradores da comunidade, com idade escolar, este espaço é a única opção de convivência na região. A quadra de futebol de areia é o local onde os estudantes e demais jovens da comunidade podem compartilhar o gosto pelo esporte e fazer disto um *hobbie* nos finais da tarde.



**Imagem 11: Fotografias capturadas por uma menina, 15 anos, moradora da comunidade**

Esta área também é ponto de encontro para outras formas de relações, principalmente aquelas amizades que podem vir a tornar-se um namoro. Mas o campo também é visto pelos jovens como algo que também pode gerar conflitos, já que a disputa a vitória entre os jogos é levada a sério por alguns adolescentes, sendo, muitas vezes, é acompanhada por atos de violência dentro do campo, como faltas desnecessárias ou até mesmo xingamentos.



**Imagem 12, 13 e 14: Fotografias capturadas por uma menina, 16 anos, moradora da comunidade.**

Para os jovens, a escola é um exemplo de organização e aprendizado. Para a jovem, a fachada da escola e outros elementos da escola são bonitos e são responsáveis por “dar mais vida e alegria aos alunos”, já que estes também são responsáveis por preservar o ambiente escolar.

### **Considerações Finais**

A educomunicação como metodologia serve como um ponto de partida para reflexões que envolvam a troca de saberes de forma horizontal. Nesta oficina de fotografia, não foi diferente, pesquisadores e estudantes foram responsáveis por trocarem experiências sobre conhecimentos distintos, porém complementares para a execução das ações. A desconstrução da mídia e a captação de imagens com o olhar deste jovem sobre a comunidade é importante para o desenvolvimento da pesquisa a ser realizada com caráter etnográfico. Muito mais que a inserção do pesquisador no campo em que irá atuar nos próximos meses, foi possível perceber o quanto estes jovens estão envolvidos com as tecnologias, principalmente o uso dos telefones celulares. A destreza com que eles operam o artefato vai para além dos usos que os jovens faziam no início da década de noventa. Outra observação constatada nesta aproximação foi que quase sua totalidade possui celular, somente um deles não possui celular, e possui acesso à internet e consequente às redes sociais através do dispositivo móvel. A utilização da câmera fotográfica presente no dispositivo já é algo de utilização cotidiana, o uso deste *gadget* está presente na construção do seu “eu” através dos *selfies* produzidos por meio de suas relações próximas, visto que a fotografia neste aspecto traz o “outro” para um espaço mais próximo no “eu”. Nesta perspectiva, os jovens munidos de conhecimento foram responsáveis por construir a sua própria visão da comunidade, algo que até então pouco havia sido trabalhado dentro do ambiente escolar, porém muito forte em outras atividades comunitárias.

A aproximação com estes jovens fez-nos perceber o quanto é rica a troca de informações em projetos de pesquisa que se propõem a construir um conhecimento a partir da experiência etnográfica e outras metodologias mais usuais na ciência da comunicação como a pesquisa participante e a pesquisa-ação. Mais que se aproximar dos jovens da comunidade, começamos a ter os primeiros estranhamentos, decorrentes da pesquisa etnográfica, que fazem aproximar-me dos informantes. Cabe aqui salientar que a palavra informante talvez não seja aquela que expresse realmente o que queremos transmitir em nossos estudos, pois os jovens contribuíram com mais que informações para esta pesquisa, mas com a sua própria visão de mundo e com uma parcela de suas experiências cotidianas, que são um *mix* de influências e vozes, talvez a palavra mais próxima desta realidade seja co-criadores. A receptividade, o acolhimento em sala de aula e o aprendizado foram expressos não somente na qualidade das imagens apresentadas pelos jovens, mas

também, pelo engajamento destes jovens e na vontade de construir uma história até então contada pela mídia de forma a mostrar somente a visão do estrangeiro dentro da comunidade. Muito mais que as imagens, o legado desta oficina foi colaborar com formação do pensamento crítico, a ideologia e a desconstrução da mídia, necessário para o desenvolvimento destes jovens como futuros cidadãos.

Nesta perspectiva, o uso do celular foi responsável por captar imagens e gerar um fluxo de informações, deixando de ser apenas um aparelho para aproximar visões e aumentar o sentimento que estes jovens possuem pela comunidade.

## Referências

CASTELLS, Manuel; FERNÁNDEZ-ARDÈVOL, Mireia; QIU, Jack Linchuan; SEY, Araba. **Mobile Communication and Society: a global perspective**. Cambridge: MIT Press, 2007.

LASEN, Amparo. **Affective Technologies: emotions and mobile phones**. Surrey: The Digital World Research Centre, 2004. Disponível em: < <http://goo.gl/xJyzbO> > 22. jun. 2014

LEMONS, André. Comunicação e práticas sociais no espaço urbano: as características dos Dispositivos Híbridos Móveis de Conexão Multirredes (DHMCM). **Comunicação, Mídia e Consumo**. São Paulo, Escola Superior de Propaganda e Marketing, vol. 4, nº 10, 2007.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 2007.

MILLER, Daniel. Consumo como cultura material. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 13, n. 28, p. 33-63, jul/dez. 2007.

PORTO, Rosane T. Carvalho; WRASSE, Helena Pacheco. Manifestação do Bullying nas escolas e alternativas adequadas para a prevenção e o tratamento. **Revista da Ajuris**, Porto Alegre, dez. 2010.

RIO GRANDE DO SUL (Estado). Lei nº 12.884, de 03 de janeiro de 2008. Dispõe sobre a utilização de aparelhos de telefonia celular nos estabelecimentos de ensino do Estado do Rio Grande do Sul. **Diário Oficial do Estado do Rio Grande do Sul**. nº 003, de 04 de janeiro de 2008. Disponível para acesso em: < <http://goo.gl/JKmtVZ> > Último acesso em: 25.jul.2014

ROCHA, Telma Brito. **Bullying: conceito e contextos da violência**. **Revista Módulo**. Salvador. n.7. p. 24 - 30. Agosto 2012.

ROCHA, Everardo; PEREIRA, Cláudia. **Juventude e Consumo: um estudo sobre comunicação na cultura contemporânea**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009.

SILVA, Sandra Rúbia. De afetos e de memórias: o consumo do telefone celular como “tecnologia afetiva”. IN: RIAL, Carmen; SILVA, Sandra Rúbia; SOUZA, Angela Maria de (Orgs). **Consumo e cultura material: perspectivas etnográficas**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2012. p. 243-265.

SOARES, Donizete. **Educomunicação – O que é isto?** Disponível para acesso em: <<http://goo.gl/x3o5IK>> Acesso em: 29. Mai.2014